

ORTEGA Y GASSET, J. **A desumanização da arte.** Tradução de Ricardo Araujo; revisão técnica da tradução Vicente Cechelero. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

Bruna Souza Silveira

Centro de Estudos Avançados e Formação Integrada, Goiânia, Goiás, Brasil

A obra, *A desumanização da arte*, dividida em 13 seções, foi publicada originalmente em 1925; nestas seções breves Ortega discute a novidade de arte não-figurativa e tenta torná-la mais compreensível para um público muito paralisado com as formas tradicionais de arte. É um livro no qual o autor analisa o percurso da arte desde o período romântico até as vanguardas do século XX, tentando encontrar razões para a impopularidade das novas artes junto do público.

O autor sugere qual o papel da arte na cultura contemporânea. Para ele, a arte é como um elo entre a vida social e o homem. Deixa explícito que os escritores desta arte se voltam para explicar os problemas do seu tempo. Para Ortega, o pensador tem de lidar com os problemas de sua época e pensar o que acontece em seu tempo.

Ao falar de como a nova arte é tratada, Ortega estuda a relação entre vida social do homem e a influência da arte. O autor, quando diz da impopularidade da arte no primeiro capítulo do livro, esclarece de onde ela provém. Na história da cultura nos últimos séculos, a arte representou a vida cotidiana por meio de quadros, teatros, danças, etc. A nova arte contraria essa tradição e Ortega esclarece a dificuldade das pessoas se reconhecerem nas obras da nova arte, já que ela não ilustra suas vidas, e propõe uma obra puramente estética. Sem os dramas e paixões da vida humana, e é esse o tema central dos próximos capítulos: não se podem compreender os caminhos da nova arte.

Percebemos, no decorrer da obra que no início do século XX, com o aparecimento das vanguardas (dadaísmo, futurismo, etc.), a arte afastou-se progressivamente da figura humana, enquanto tema central

da obra, e os artistas adaptaram a abstração para exprimirem os seus sentimentos. A arte figurativa deixou de fazer sentido.

Então, o autor observa que a nova arte seria aceita pelo menos durante algum tempo, por uma minoria, constituída de artistas ou de adeptos do puro prazer estético. Pelo fato de fugir das formas tradicionais, poucos a entenderão como objeto de pura criação artística. Ortega não vê um futuro promissor para a arte nova, pois ele acredita ser impossível desvincular a vida social ou pessoal do artista de sua criação, logo lhe parece destituída de êxito a tentativa de criar uma arte pura como pretende a nova geração dos artistas.

A explicação do autor para o insucesso da nova arte é que ela está fora da vida das pessoas e não é possível, na sua avaliação, um objeto estético que fuja, que não represente algo para o homem.

No capítulo “Gotas para Fenomenologia”, o autor explica como pessoas diferentes, que vivem uma mesma situação, a perceberão de modo distinto. Trata-se de uma meditação profunda sobre a maneira de como nos inserimos no mundo. A forma como a realidade nos atinge está ligada ao modo de como estamos inseridos nela.

Percebe-se, assim, que os novos artistas tendem a desconsiderar o aspecto da realidade vivida, fato que afasta o homem da realidade. Para entender a nova arte, Ortega explica que cada época revela uma tendência e a nova arte também é uma nova tendência, porém rompe com as artes anteriores. A arte moderna tende a ir contra a mais antiga, substituí-la.

A metáfora que consta no livro, chamada de a desumanização da arte, vem a ser o afastamento da arte da vida cotidiana compartilhada pelos homens. Esta seria a tendência da arte contemporânea e seu produto seria o afastamento do homem comum da arte produzida dos tempos atuais.

No entanto, o afastamento da linguagem do seu suporte real fez com que o artista mergulhasse no seu mundo interior. O que também acontece é a inversão de papéis da nova arte, tratam-se de protagonistas as coisas que são tidas como as mais simples na vida.

A metáfora é posta como sustentação, não é mais utilizada como adorno. A contemplação da nova arte não se pode ser a mesma da antiga, já que a nova não tem pretensões de transcendência.

Ortega distancia-se do entusiasmo ou ira provocados pela nova arte, ele procura ter uma visão mais objetiva do assunto, em todos os momentos percebe-se a tentativa de compreensão desta modernidade.

A arte tornou-se elitista. O problema surge quando Ortega afirma que existem pessoas que percebem e outras que não percebem a nova arte. Penso que o problema não pode ser visto desta forma. Considero que a "incompreensão" das massas poderá ser encarada de uma forma mais leve, ou seja, o grande público não estava preparado para receber a nova arte e a rejeitou. Recusou-se a aceitá-la ou a senti-la.

Seria demasiado redutor encontrar uma solução para o problema refugiando-se apenas na eventual ignorância do espectador. Assim, não será injusto considerar que muito da nova arte não é (e não foi) aceito pelo público, porque muito dessa arte falha, os objetivos a que se propõe falham e o conceito poderá existir, mas poderá não ser suficientemente credível para convencer as pessoas.

As ideias apresentadas nessa obra tornam excitante a leitura para os profissionais que trabalham com arte, seja na dança, teatro, música ou plásticas; dando suporte sobre a arte moderna, suas características, o público, estéticas e comparações com o romantismo. Oferecendo a oportunidade de reconhecer a necessidade destes conhecimentos para reorganização de conceitos, estratégias, entendimento do que é a arte contemporânea e quais suas impressões.

Referências

ORTEGA Y GASSET, J. **A desumanização da arte**. Tradução de Ricardo Araujo; revisão técnica da tradução Vicente Cechelero. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

Recebido em: 26/10/2009

Revisado em: 09/01/2010

Aprovado em: 19/02/2010

Endereço para correspondência

brunasouzasilveira@hotmail.com

Bruna Souza Silveira

CEAFI - PÓS-GRADUAÇÃO

Rua T-28, nº 1806, Setor Bueno

CEP 74215-040 - Goiânia/GO - Brasil